

De como se selecionam notícias e se forma a opinião pública

- Uma análise de 45 minutos da Radio Liberdade, Porto Alegre, domingo, 24/05/2015, das 14:45 às 15:30.

Pedrinho A. Guareschi UFRGS

Todos(as) somos testemunhas de um clima que se instalou no Brasil nos últimos meses, a partir da vitória de Dilma no segundo turno. Difícil compreender essa atmosfera quase que de ódio contra um governo, acossado por todos os lados, vítima de todo tipo de agressões. Como entender tal situação? Arrisco aqui uma reflexão, partindo de um fato experimentado domingo, dia 24 de maio. Acho que isso ajuda a entender como se “constrói” um clima de negatividade?.

Dava minha caminhada pelo Parque da Redenção, no centro de Porto Alegre, enquanto ouvia a Rádio Liberdade. Gosto de curtir a música campeira, marca registrada dessa emissora. Quem a escuta sabe que após quase cada música, há a leitura duma manchete e termina assim: “Leia hoje no “O Sul” (é um dos jornais do conglomerado a que a emissora pertence). Vejam as manchetes que ouvi, são quase ao pé da letra. Desculpem, mas é o *corpus* de dados para a análise que arrisco fazer:

“1. *Esperado reajuste de até 9,5% na gasolina.*

2. *Ao não comparecer ao anúncio dos cortes no orçamento, o Ministro da Fazenda estaria mandando um recado de insatisfação.*

3. *Ministério Público e Polícia Federal agora investigam os contratos bilionários do Pré-Sal.*

4. *Desvio de dinheiro no consulado do Brasil em Nova York pode ter chegado a seis milhões de reais.*

5. *Para compensar imposto maior que terão de pagar, bancos vão aumentar juros e tarifas.*

6. *PT diz que ajuste fiscal afasta partido do governo.*

7. *Ao ser chamado de traidor por opositores de Dilma, Aécio rebate crítica e afirma que não pedir impeachment é estratégia.*

8. *Sartori embarca para a Europa e Dilma para o México”.*

Comentando

Fico imaginando como essas *mensagens* – todas elas de forma afirmativa – vão calando na mente dos ouvintes. Em geral não prestamos atenção aos detalhes, ficamos com o tema geral. Penso: se fosse possível entrevistar uma pessoa que é assim bombardeada, ao menos quatro ou cinco vezes durante toda uma tarde, com a repetição das mesmas falas como essas, com que sentimento ela ficaria?

Não é difícil identificar uma “mensagem básica” perpassando todo esse bombardeio de manchetes, destilado e repetido durante toda tarde. Com exceção da última, *sente-se* nelas uma conotação negativa contra o governo, em geral, e contra Dilma, de maneira específica. Com que sensação fica o ouvinte, desprevenido, escutando essa ladainha de maus augúrios, ameaças, complicações, maus prenúncios, etc. Foi então que ouvi, por exemplo, pela primeira vez, um “esperado reajuste da gasolina de 9,5%”. *Esperado? E 9,5%?* E que o fato de o Ministro da Fazenda não ir a uma cerimônia, seria sinal de insatisfação. E que agora (depois da Petrobrás) vão ser investigados os contratos *bilionários* do Pré-Sal. E que a única possível coisa boa que Dilma teria feito – o aumento de 5% nos lucros dos bancos – vai estourar no bolso da população. E que houve roubo também no consulado brasileiro de Nova York. E que Aécio é um homem inteligente, ‘estratégico’, por isso não apóia o impeachment de Dilma...

Tudo bem que essas notícias sejam dadas, mas o que me espantou foi que foram todas, ou quase todas, claramente negativas e pejorativas. Será que é só isso que está acontecendo? E ainda mais: a *maneira* como foram dadas.

Analisando: os pressupostos implícitos

Mas há ainda uma coisa bem mais séria que precisa ser dita aqui. A maioria da população tem como pressuposto que as emissoras, a Rádio Liberdade no caso, do Grupo Pampa, podem dizer e fazer o quiserem pois, afinal, elas têm *donos*, e esses decidem o que dizer. E muitos até acham, talvez, que criticar essa prática das emissoras de rádio e televisão seria “ir contra a liberdade de imprensa”, seria uma censura aos meios de comunicação.

É sobre isso que pediria licença para refletir por um instante. Todo veículo de comunicação – rádio e televisão – (não estou falando da mídia impressa, como jornal, revista, livros, etc.) são veículos de comunicação eletrônica, e por isso são uma concessão pública do Estado. Não têm “donos”. Receberam uma concessão para prestarem um serviço à população. E a Constituição de 1988, no artigo 221, quando fala dos princípios que devem reger a comunicação eletrônica, colocam, como primeiro princípio, que “a comunicação deve ser educativa”. Essa a tarefa dos meios de comunicação eletrônica: educar a população, prestar um serviço para que eles possam pensar, ter as informações fundamentais para formarem sua opinião.

Mas atenção: *educar* não é dar respostas ou ficar apenas passando informações. Educar é *fazer a pergunta*, é questionar, problematizar as situações para que o povo possa pensar. Um jornalista, ou um comunicador, um âncora de um meio de comunicação *não é e não pode ser um formador de opinião*. Arvorar-se em *formador de opinião* é uma usurpação de uma tarefa

que não lhe compete. A tarefa do jornalista, do comentarista, do âncora, é fazer as perguntas, buscar todas as informações necessárias, da maneira mais séria, completa e imparcial possível, *para que o ouvinte, o telespectador, forme sua opinião*. É o ouvinte e o telespectador que deve ser servido, e tem o direito de ser bem servido. É para isso que existem os meios de comunicação eletrônicos, que são concessão e foram dados, supostamente, para que os que recebem tais meios (gratuitamente!), tenham o compromisso e a capacidade de prestarem tal serviço. Senão, deveriam deixar esse meio a outros que tenham essa competência.

E então?

Mas é isso que vemos na nossa mídia eletrônica? É isso que fazem os comentaristas – dando despididamente suas opiniões e até classificando as situações, ou até mesmo as pessoas, com expressões como “isso é uma vergonha!” Com que direito um jornalista faz isso? Onde a *vergonha*? Você viu, nas “notícias” colocadas no início desse texto, alguma pergunta? Como fica o ouvinte diante desse bombardeio indiscriminado de supostos fatos? Resta algum espaço para o ouvinte pensar, refletir? O que se vê é uma série de *notícias=afirmações*, dadas praticamente como certas, envoltas num viés negativo e crítico ao governo. Falando como se aquilo fosse toda a verdade. Assim se constrói o *clima*, se forma a *opinião pública*. Não há maneira de contestar todo esse discurso.

Para se ter uma idéia de quão longe estamos de uma verdadeira comunicação, e de qual o papel dos meios de comunicação eletrônica – rádio de televisão – trago aqui um comentário do grande jurista Fábio Konder Comparato: “A liberdade de expressão, como direito fundamental, não pode ser objeto de propriedade de ninguém, pois ela é um atributo essencial da pessoa humana, um direito comum a todos. Ora, se a liberdade de expressão se exerce atualmente pela mediação necessária dos meios de comunicação de massa, estes últimos não podem, em estrita lógica, ser objeto de propriedade empresarial no interesse privado”.

Gostaria de concluir: com que direito alguém que tem uma concessão fala o que quer, como quer, afirmando suas idéias? E mais: Onde fica o espaço do ouvinte? Se ao menos as colocações fossem feitas em forma de pergunta, levando as pessoas a pensar?

Pois é assim que se *forma* a opinião pública! Quão longe estamos ainda de uma verdadeira comunicação, de um respeito aos ouvintes e telespectadores, do direito de as pessoas poderem ter uma informação séria que os leve a refletir, a discutir seus problemas, formar sua opinião e poder assim construir uma sociedade democrática, participativa, igualitária.

Os leitores são os juízes primeiros e fundamentais dessas reflexões.